

Luísa Nunes de Castro Anabuki
Lys Sobral Cardoso
Organizadoras

**ESCRAVIDÃO NA
INTERSECCIONALIDADE
DE GÊNERO E RAÇA
Um enfrentamento necessário**

Brasília, DF
MPT
2023

Ministério Público do Trabalho

Procuradoria-Geral do Trabalho

José de Lima Ramos Pereira - Procurador-Geral do Trabalho

Maria Aparecida Gugel - Vice-Procuradora-Geral do Trabalho

Gláucio Araújo de Oliveira - Diretor-Geral

Coordenadoria Nacional de Erradicação do Trabalho Escravo e de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas – Conaete

Lys Sobral Cardoso - Coordenadora Nacional (2019 - 2023)

Italvar Filipe de Paiva Medina - Vice-Coordenador Nacional (2019 - 2023)

Juliana de Oliveira Gois - Vice-Coordenadora Adjunta (2023)

Luciano Aragão Santos - Coordenador Nacional (2023)

Tatiana Leal Bivar Simonetti - Vice-Coordenadora Nacional (2023)

Secretaria de Comunicação Social da PGT – Secom

Philippe Gomes Jardim - Secretário de Comunicação Social (2020-2023)

Ronaldo José de Lira - Secretário Adjunto de Comunicação Social (2020-2023)

Sebastião Vieira Caixeta – Secretário de Comunicação Social (2023)

Philippe Gomes Jardim – Secretário Adjunto de Comunicação Social (2023)

Arte da Capa

Cyrano Vital

Projeto Gráfico

Gráfica Movimento

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca da Procuradoria-Geral do Trabalho)

Escravidão na interseccionalidade de gênero e raça : um enfrentamento necessário / Luísa Nunes de Castro Anabuki, Lys Sobral Cardoso, organizadoras. – Brasília : Ministério Público do Trabalho, 2023.
434 p.

ISBN nº 978-65-89468-31-8 (digital)

ISBN nº 978-65-89468-32-5 (impresso)

Inclui bibliografia, notas explicativas e bibliográficas.

1. Direito do trabalho. 2. Trabalho escravo. I. Anabuki, Luísa Nunes de Castro. II. Cardoso, Lys Sobral. III. Brasil. Ministério Público do Trabalho. Coordenadoria Nacional de Erradicação do Trabalho Escravo e de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas.

CDDir 341.6

Análise do poema “Eu não queria ser feminista!”, de Tawane Theodoro: traços de interseccionalidade do corpo feminino

Alessandra Ribeiro Queiroz¹

João Vítor Sampaio de Moura²

Lucélia Cristina Brant Mariz Sá³

Resumo: No passar dos anos, percebemos a evidente necessidade do entendimento de como o movimento feminista foi construído na história. Dito isso, este artigo possui como objetivo analisar o poema “Eu não quero ser feminista”, de Tawane Theodoro, sob os aspectos da interseccionalidade, do discurso ideológico do patriarcado e da força da linguagem atuando como mecanismo de exclusão e domínio. Para isso, utilizamos a pesquisa qualitativa interpretativa, para compreender como esses mecanismos ocorrem dentro do objeto de análise. Fundamentamos teoricamente à luz dos autores Kyrillos (2020), Paiva (1997), Wittig (1980; 1982), dentre outros, que auxiliam na sustentação dos argumentos apresentados.

Palavras-chave: Corpo feminino. Interseccionalidade. Patriarcado. Linguagem.

1 Mestranda em Estudos Linguísticos na Universidade Federal de Uberlândia. Graduada em Letras/Inglês pela Universidade Estadual de Montes Claros. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3630538635188160>.

2 Mestrando em Estudos Linguísticos na Universidade Federal de Uberlândia. Graduado em Letras Português/Inglês pela Universidade Estadual de Goiás. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4179011639506808>.

3 Doutoranda em Estudos Linguísticos na Universidade Federal de Uberlândia. Mestra em Gestão e Avaliação de Educação Pública pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Montes Claros. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1482111292177695>.

INTRODUÇÃO

Vivemos em um mundo marcado por lutas e opressões e, para entender as características da história e o processo do movimento feminista, é necessário levar em conta a construção das mulheres e homens na sociedade. Nessa construção, as mulheres precisam sempre se reafirmar em relação aos homens, isso porque o patriarcado trouxe a concepção de submissão da mulher na sociedade.

Para Paiva (1997), o patriarcado tem papel importante nas relações desiguais que ocorrem entre o homem e a mulher. Sob essa ótica, ele submete a mulher à desvalorização e opressão, que acarreta o sentimento de inferioridade e submissão. Contra tal desvalorização, surgem movimentos marcados por lutas históricas, tais como o feminismo.

Diante desse contexto, Teles (1999) entende que o feminismo é um movimento político que questiona as relações de poder e exploração dos grupos de pessoas sobre as outras, sendo contrário ao patriarcado, e propõe uma transformação social, política, econômica e ideológica da sociedade.

Dessa forma, o movimento feminista trabalha com o propósito de apoiar as mulheres e se manifesta por diversos meios, entre eles, o da linguagem, na qual a visão masculina é considerada como única e universal, já que por meio dela, as experiências e os sujeitos se estabelecem. A luta feminista abre a discussão à interseccionalidade, que teve origem com os pensamentos feministas de gênero e tem se estruturado com outras categorias como classe, raça, religião, orientação sexual, dentre outras. Nesse sentido, Kyrillos (2020) coloca que a interseccionalidade surgiu a partir das escritas e vivências dos feminismos negros.

Diante disso, observamos que a interseccionalidade surgiu para tratar as formas de opressão e desigualdades relacionadas às mulheres. Para tanto, o nosso objetivo nessa pesquisa é analisar o poema “Eu não quero ser feminista” de autoria de Tawane Theodoro,

sob a perspectiva da interseccionalidade presente na obra, do discurso ideológico do patriarcado e da força da linguagem como mecanismo de exclusão e domínio.

O poema foi apresentado pela autora na final do Slam BR⁴ da Guilhermina, realizado no dia 6 de outubro de 2017. A autora se identifica como feminista, a fim de proteger os direitos das mulheres, sendo assim, acreditamos que a análise desse *corpus* proporciona conhecimento sobre as lutas feministas por meio da interseccionalidade, sendo de suma importância traçar considerações acerca das questões de gênero, raça e condição social.

A fim de cumprir o objetivo proposto, organizamos o artigo em cinco seções. Na primeira, que é a introdução da pesquisa, abordamos as questões que serão percorridas, tais como: patriarcado, feminismo, linguagem e interseccionalidade. Na segunda seção, descrevemos os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa. Na terceira, abordamos o poema, *corpus* da análise, e questões relacionadas com a interseccionalidade. Na quarta seção, expomos o discurso ideológico do patriarcado, sob a luz de referenciais teóricos. Na quinta seção do artigo, nos posicionamos sobre a linguagem como instrumento de discriminação e dominação. Encerrando a pesquisa, sem esgotar a temática, apresentamos as nossas considerações finais sobre o estudo e inserimos nossas reflexões que consideram corpo e linguagem como mecanismos de luta e resistência para as mulheres.

METODOLOGIA

A pesquisa proporciona em seus resultados elementos teóricos que facilitam a prática reflexiva e crítica. Essa reflexão faz-se necessária, já que “a pesquisa é, portanto, um procedimento formal com método de pensamento reflexivo, que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais” (MARCONI & LAKATOS, 1996, p. 15).

4 SLAM BR refere-se ao Campeonato Brasileiro de Poesia Falada, disputado anualmente no município de São Paulo, reunindo poetas e poetisas de todo o país.

Dessa forma, o presente estudo baseia-se na pesquisa qualitativa interpretativa, porque, segundo Minayo (2007), ela se preocupa com o nível da realidade, trabalha a partir do universo de crenças, valores, significados e a partir de construtos profundos das relações, não podendo ser quantificada. Para Denzin e Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa interpretativa envolve a interpretação do mundo, uma vez que os pesquisadores estudam os cenários para entender os fenômenos e significados que a elas conferem.

Como método, realizamos o levantamento bibliográfico que, para Prodanov e Freitas (2013), é um apanhado sobre os principais documentos que envolvem o assunto a ser pesquisado e utiliza a contribuição de vários autores. Assim sendo, como pressuposto teórico, utilizamos os autores como Kyrillos (2020), Paiva (1997), Wittig (1980;1982), dentre outros.

Por fim, o *corpus* deste estudo foi o poema “Eu não quero ser feminista”, que traz discussões sobre as lutas feministas e, a partir da análise, tecermos considerações acerca das questões de gênero, raça, língua e interseccionalidade.

TRAÇOS DA INTERSECCIONALIDADE NA OBRA “EU NÃO QUERIA SER FEMINISTA”

O poema analisado é de autoria de Tawane Theodoro, uma jovem paulista, negra, de 21 anos, que iniciou na poesia em 2016, mediante um cursinho popular, que abriu portas para a artista ingressar no meio cultural. Desde então, ela compõe poemas que expressam traços autorais significativos. Suas poesias versam “sobre o que é ser uma mulher preta e da periferia e, também, aborda o tema de como é preciso descentralizar a cultura para que consigamos viver dentro dela”. (TAWANE, 2016).

A poetisa se apresenta feminista, mas entende que não precisaria ser se houvesse respeito para o corpo feminino na sociedade em

que vivemos. Corroborando com outros textos escritos pela autora, o poema a seguir expressa sua angústia e indignação com o tratamento que a mulher recebe da sociedade, mesmo atualmente:

Eu não queria ser feminista

Eu não deveria ser feminista	Que as mulheres não estão se respeitando...
Eu não queria ser feminista	Quando vão entender que no nosso corpo somos nós que estamos no comando?
Em pleno século XXI minha gente, feminismo não deveria nem existir...	Percebemos que quando estamos na rua, a noite, e observamos um cara se aproximar
Calma sociedade, não comece a sorrir	Já começamos a acelerar
É porque mulheres não tinham que precisar resistir tanto assim	O coração, disparar
É até difícil de imaginar	Pois tenha certeza
Que em uma era tão tecnologia eu ainda tenha que implorar	Que aqui...isso não vai rolar
Para que por onde eu passar	Foi-se a época de gentileza
Todos possam me respeitar.	Vamo chegar com dois pé no peito memo
Eu detesto ser feminista	Passar por cima de qualquer tipo de sujeito
Mas...diante de uma sociedade tão egoísta	Derrubando esse seu preconceito
Eu não tenho opção	Confundir a violência do opressor
Porque ainda vemos mulheres sendo abusadas no busão	Com a reação do oprimido
Vemos relações abusivas virando, coisa normal...ou melhor	Não faz o mínimo de sentido.
""""Coisa de casal""""	Mas agora não conseguiram mais nos parar
Ninguém liga pra mulher e pra sua dor	Na luta de outras mulheres
Fazem ela acreditar que tudo isso é amor	Buscamos forças para o nosso caminhar
Vemos a mídia a todo momento nos dizendo que não estamos no padrão	E temos fé que tudo vai mudar
E que não teremos a menor condição	Que vamos desconstruirComeçamos a rezar
De chegar ao que é considerado bonito pra toda nação.	"Que seja só um assalto, e que só levem o meu celular"
Passamos o dia escutando	Acha que ainda assim é mimimi
	Conversa fiada?
	Como já escutei muitas vezes...

ESCRavidÃO NA INTERSECCIONALIDADE DE GÊNERO E RAÇA: UM ENFRENTAMENTO NECESSÁRIO

Falta de vergonha na cara?	Porque estamos em uma sociedade que eu ainda tenho que explicar
Vamo ser mais didática então	Que somos seres humanos e não algo que possa se descartar.
Vamo jogar estatística	Então não venha me pedir delicadeza
Já que o óbvio parece que saiu de questão	E que essa merda de patriarcado vai cair
O Brasil é o 5º país mais violento para mulheres do mundo	Só precisamos nos unir
Cada dia o feminicídio aumenta	Porque é tão lindo viver com a sua igual
E com a mulher preta a estatística é ainda mais violenta.	Com a plena consciência que ela não é a sua rival
Homicídio de mulheres negras aumentou 54% em 10 anos	Sensação de liberdade
A cada 11 minutos uma mulher é estuprada,	Total felicidade.
70% dos casos de estupro a vítima era próxima dos agressores	Mulheres precisam ser feministas...
Em média 47,6 mil mulheres são estupradas por ano, sendo que nem 30% delas denunciam	Mas tomara que em algum dia
3 em cada 5 mulheres vão sofrer algum tipo de violência em algum relacionamento	Não precisem mais ser
Até 2030 pode morrer 500 mil mulheres vítimas de violência doméstica no mundo	E que finalmente, alcancem o seu devido poder
94% das mulheres já foram assediadas verbalmente e 77 % já foram assediadas fisicamente	E eu peço, pra qualquer Deus de qualquer religião
E acha que o feminismo é exagero?	Que a próxima geração
O feminismo já é o desespero	Não enfrente um mundo tão sem noção."
	Tawane Teodoro

Tawane, como mulher negra e de classe social baixa, enfrenta a interseccionalidade definida pelos múltiplos eixos que geram as desigualdades e a opressão de classe. Sobre isso, Kyrillos esclarece:

A interseccionalidade pode ser entendida como uma ferramenta de análise que consegue dar conta de mais de uma forma de opressão simultânea. Com essa lente, os processos discriminatórios não são compreendidos isoladamente, nem se propõem uma mera adição de discrimi-

nações, mas sim, abraça-se a complexidade dos cruzamentos dos processos discriminatórios e a partir daí se busca compreender as condições específicas que deles decorrem (KYRILLOS, 2020, p.1).

Nessa obra, Tawane traz à tona questões relacionadas ao corpo feminino, que é oprimido por vertentes variadas, com discursos marcados por luta e resistência, com o propósito de construir uma epistemologia que permita ao oprimido refletir sua realidade sem se submeter a censura do colonialismo e do patriarcado, a fim de construir discursos libertários capazes de criar um mundo onde o avanço social acompanhe a modernidade tecnológica. O poema, aqui tratado, possibilita a crítica ao processo de colonização e ao discurso ideológico, que oprime o corpo e a linguagem do ser colonizado, como veremos a seguir.

O DISCURSO IDEOLÓGICO DO PATRIARCADO: ALGUMAS INTERPRETAÇÕES

No poema, a autora denuncia o absurdo das mulheres modernas ainda serem obrigadas a lutar pelos seus direitos, que “em pleno século XXI, minha gente, feminismo não deveria nem existir” (THEODORO, 2020). Sua poesia, mais forte e desesperada a cada estrofe, traduz o grito nascido da incapacidade de permanecer silenciada diante do próprio sofrimento.

Para compreender os alicerces dessa opressão, é importante entender algumas das suas ferramentas mais tradicionais, a tentativa de mascarar este domínio sob a normalidade. Logo, o conflito sexual seria entendido como algo dado, natural e inofensivo, ocultando sua construção histórica e social (WITTIG, 1982). A aceitação destes símbolos do patriarcado transcende o discurso ideológico, assumindo uma prática que oprime os corpos femininos e normatiza o machismo, com uma linguagem que tenta justificar a violência.

Nas palavras da poetisa, “vemos relações abusivas virando, coisa normal...ou melhor coisa de casal. Ninguém liga pra mulher e pra sua dor, fazem ela acreditar que tudo isso é amor” (THEODORO, 2020), observamos uma denúncia, o poema nos apresenta um exemplo crasso da naturalização que a sociedade impõe sobre a violência contra o feminino, o qual induz a mulher a se submeter ao relacionamento funesto, por ser o seu papel na dinâmica do casal, a saber, o posto de oprimida.

Wittig (1982) contribui para o debate ao denunciar que a linguagem não está alheia aos processos de dominação. Ela não surge espontânea e inofensivamente, outrossim, vem carregada de ideologias que ratificam a submissão ao ponto de fazer o dominado ignorar que toda opressão é também material. Com efeito, o oprimido termina defendendo a própria submissão como algo natural e, portanto, imutável. Desde as propagandas e filmes que trazem as mulheres sendo salvas pelos machos atléticos, às heroínas supersexualizadas dos quadrinhos, o fetichismo autoritário da indústria pornográfica, trazem consigo a perpetuação da mensagem que faz da mulher, submissa (WITTIG, 1982).

Nesse sentido, o gênero feminino é visto numa construção social de opressão. O “ser mulher” se faz carregado de ideias que se constroem ao longo do tempo, definindo aquilo que ela deveria ser ou como precisa se comportar, um modelo estabelecido pela cultura patriarcal. O gênero seria, portanto, um processo de socialização. Um modelo padrão definido pelo opressor para balizar corpos e mentes das mulheres, independente dos seus próprios interesses e necessidades.

Sobre isso, Wittig (1980) estabelece que os discursos opressores trazem como verdade absoluta a ideia da heterossexualidade, pois ainda excluem a interferência do campo político nos pensamentos. Tal situação é passível de ser questionada, tendo em vista a impossibilidade de desagregar a política das relações histórico-culturais. O conjunto desses discursos produz uma confusão estática para os oprimidos, que

os faz perder de vista a causa material de sua opressão e os mergulha em uma espécie de vácuo histórico.

Distante de uma pretensa neutralidade política, estes discursos são impregnados por sua mentalidade, que ratifica o domínio em tamanha crueldade. Sobre isso, Wittig (1980) relata que o discurso pode oprimir, no sentido que silencia as vozes das mulheres, a menos que elas falem nos termos utilizados pelos homens. De tal sorte que a mulher, quando consegue sobrepujar a muralha machista que se impõe sobre elas, precisa se utilizar de conceitos masculinos para expressar a própria realidade. Se fazendo urgente uma epistemologia que reflete a mulher pela sua própria categoria, que escape dessa normatização e não procure paralelos com o masculino. Nisso, Paiva corrobora:

Passaram então as (os) pesquisadoras (es) feministas a questionar o retrato da realidade que refletia a dominação masculina que negligenciava a mulher apresentando, desta forma, resultados não representativos, bem como contribuindo para a invisibilidade da mulher como sujeito, objeto do conhecimento. (PAIVA, 1997.p.4).

A dominação masculina sobre o mundo acadêmico não apenas promove a desqualificação da mulher como protagonista e foco dos próprios estudos, como também se mostra incapaz de perceber o feminino em todas as suas complexidades, além de contribuir para a preservação do discurso do opressor, fazendo o uso da linguagem para disseminar a colonialidade do poder⁵, como veremos na seção seguinte.

5 Segundo Maia e Melo (2020, p. 232) apud Quijano (2005), a colonialidade do poder trata-se da constituição de um poder mundial capitalista, moderno/colonial e eurocentrado a partir da criação da ideia de raça, que foi biologicamente imaginada para naturalizar os colonizados como inferiores aos colonizadores. Partindo desse pressuposto instaurou-se um domínio do colonizador sobre os colonizados que persiste vigente mesmo após a descolonização.

A LINGUAGEM COMO INSTRUMENTO DE DOMINAÇÃO E DISCRIMINAÇÃO

Muito mais que um simples rótulo, a imposição do gênero e o racismo, funcionam como um fardo pesado que oprime a mulher, seja feminista, negra, LGBTQIA+⁶, ou qualquer outra forma de interseccionalidade, uma imposição que se maquia em discurso de normalidade para ratificar a opressão patriarcal como algo natural e imutável. Lerner (2019) aborda que o patriarcado é originado a partir da construção histórica, as quais as mulheres foram as primeiras a se tornarem os grupos subjugados, e a partir dessa hierarquia patriarcal, várias formas de dominação foram criadas.

Colaborando para a discussão, Theodoro (2020) expõe, por meio da sua poesia, a luta das mulheres contra o sistema patriarcal: “[...] E temos fé que tudo vai mudar. Que vamos desconstruir. E que essa merda de patriarcado vai cair [...]”. Cabe ressaltar que as mulheres iniciaram as lutas contra os diferentes tipos de dominação, por meio dos movimentos sociais, por volta da década de 60, com a teoria feminista. Segundo Paiva (1997), o movimento feminista trouxe discussões sobre a exclusão da mulher, que ao longo da história veio com o patriarcado e fizeram com que elas ficassem confinadas em casa, tendo contato apenas com serviços domésticos. De acordo com Von Flotow (1997), a língua é a causa da opressão das mulheres, já que foram ditas e ensinadas a elas sobre qual é o seu lugar no mundo.

Diante disso, observamos que as lutas feministas se direcionam pela linguagem, pois a língua é o meio que os sujeitos se apropriam para constituir suas experiências sociais, políticas, religiosas, culturais, entre outras. Por meio da linguagem, é permitido construir e desconstruir as várias formas das relações de poder que funcionam na sociedade. Com efeito, a relação entre a linguagem e o mundo tem papel constitutivo na nossa relação conosco e com os outros, mas não é um objeto do mundo e, por isso, não podemos submetê-la às dis-

6 Sigla que inclui Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais/Transgêneros/Travestis, Queers, Intersexuais, Assexuais, entre outras identificações.

tinções tradicionais, como entre “realidade” e “representação” (NIGRO, 2007. p. 32).

A linguagem antecede o mundo, dessa forma, as interações são construídas linguisticamente. A linguagem apresenta-se por ser repleta de ideologias, a partir das verdades que são construídas. Para Bakhtin (2014), a postura expressa é interposta por ideologias e a língua nunca é neutra, mas sempre opaca, sendo a língua considerada um instrumento de poder.

Dessa forma, observamos o poema voltado para uma linguagem crítica, enquanto discurso que transcende a língua, que concebe o corpo e a escrita, que por sua vez, vem sendo constituídos como lugar de resistência de sentidos contra a dominação das mulheres. Nesse sentido, vemos mulheres saindo da invisibilidade e resgatando a subjetividade, por meio da linguagem, para assim, não serem ditas pelos homens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa buscou refletir sobre o corpo feminino e as materialidades diversas constituídas ao longo da história, por meio do poema “Eu não quero ser feminista”, de Tawane Teodoro, permitindo levantar questões relacionadas à interseccionalidade que envolve o corpo feminino, o patriarcado como sistema opressor e a linguagem que domina os corpos e mantém as relações de poder. Não objetivamos trabalhar com análise de dados como verdades totalitárias, mas como reflexões que podem levar a práticas mais respeitosas e igualitárias.

Podemos perceber por meio do poema analisado e das teorias estudadas, como a interseccionalidade é vista de maneira tão evidente quando o assunto é o corpo da mulher, que está ligado ao sistema da dominação e opressão. Entendemos que o corpo traz identidades sociais, opressão e dominação, imbricados no patriarcado, que coloca em submissão os corpos femininos, mais especificamente, o corpo

feminino negro. Ao que tange à linguagem, observamos como ela influencia na proliferação do preconceito disseminado nesses corpos.

Wittig (1982) aponta que as mulheres realizam três quartos do trabalho da sociedade. Ela aborda a categoria de sexo, que pode ser considerada um produto de uma sociedade heterossexual que, por forma de imposição, relaciona as mulheres somente a questão da reprodução da espécie e, assim, a reprodução da sociedade patriarcal e exploratória.

Por fim, observamos que o período de vigência do sistema patriarcal perpetua em contextos socioculturais e históricos. A luta das mulheres transcende a igualdade de direitos, busca resgatar a dignidade, a liberdade e a naturalidade dos seus corpos e visa sair da marginalização e da opressão, a fim de quebrar o silenciamento e tornar dizível e visível sua existência singular.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Michel Lahud, Yara Frateschi Vieira. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

DENZIN, N. K; LINCOLN, Y. **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed, 2006.

KYRILLOS, G. Uma Análise Crítica sobre os Antecedentes da Interseccionalidade. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 28, n. 1, e56509, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/1806-9584-2020v28n156509/43491>. Acesso em: 5 set. 2021.

LERNER, G. **A criação do patriarcado**: história da opressão das mulheres pelos homens. São Paulo: Cultrix, 2019.

MAIA, B. S. R; MELO, V. D. S. de. apud Quijano (2005). Colonialidade do poder e suas subjetividades. **Rev. Teoria e Cultura**, Juiz de Fora, v. 15

n.2, p. 231- 242, jul./set., 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/TeoriaeCultura/article/view/30132>. Acesso em: 4 set. 2021.

MARCONI, M. A; LAKATOS; E. M. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. São Paulo: Atlas; 1996.

MINAYO, M. C. S. (Org.) **O Desafio do Conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 8ed. São Paulo: Hucitec/Abrasco, 2007.

NIGRO, R. B. **Desconstrução da linguagem política**. Departamento de Direito, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2007. Acesso em 11 de jun. de 2021.

PAIVA, M.S. TEORIA FEMINISTA: **O desafio de tornar-se um paradigma**. In: R. Bras. Enferm. Brasília, v. 50, n. 4, p. 51 7-524, out./dez., 1997.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

TAWANE Theodoro. **CAMA**, 2016. Disponível em: <https://camasantaca-sa.com.br/tawane-theodoro/>. Acesso em: 12 set. 2021.

TELES, M. A. de Almeida. **Breve histórico do feminismo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

THEODORO, T. **Eu não queria ser feminista**. [Publicado pelo Canal] Slam da Guilhermina. 10 jun. 2020. (3m11s). Disponível em: <https://youtu.be/8Fu7cAQzK1k>. Acesso em: 13 jun. 2021.

VON FLOTOW, L. **Translation and gender**: translating in the «era of feminism». Manchester: St. Jerome Publishing, 1997.

WITTIG, M. The Straight Mind. In: **Feminism Issues**: Summer, 1980.

WITTIG, M. The category of sex. In: **Feminist Issues**. 2, 63–68, 1982.